



© Adriana Graças Pereira e Thales Guaracy

Diretor editorial Capa

Marcelo Duarte Marina Avila

Diretora comercial Diagramação Patth Pachas Daniel Argento

Diretora de projetos especiais Preparação

Tatiana Fulas Ana Maria Barbosa

Coordenadora editorial Revisão

Vanessa Sayuri Sawada Beatriz de Freitas Moreira

Assistente editorial Impressão Olívia Tavares Corprint

CIP – BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS. RJ

P489x

Pereira, Adriana Graças

Xal: órfã, drogada, moradora de rua, prostituída, presidiária. E milagre de superação/Adriana Graças Pereira, Thales Guaracy. – 1. ed. – São Paulo: Panda Books, 2021. 240 p.

ISBN 978-65-5697-098-1

- 1. Pereira, Adriana Graças. 2. Transexuais Biografia Brasil.
- 3. Identidade de gênero. 4. Negros Brasil Condições sociais. 5. Órfãos. I. Guaracy, Thales. II. Título.
- Bibliotecária: Camila Donis Hartmann CRB-7/6472

Dibilotecaria. Carrilla Doriis Flartifiarii - CIND-7/0472

21-69378 CDD: 920.008670981 CDU: 929-055.3(81)

Apoio:



2021

Todos os direitos reservados à Panda Books. Um selo da Editora Original Ltda. Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41 05413-010 – São Paulo – SP Tel./Fax: (11) 3088-8444 edoriginal@pandabooks.com.br www.pandabooks.com.br Visite nosso Facebook, Instagram e Twitter.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Original Ltda. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.



SUMÁRIO

A ponte – 1	9
É porque eu quero	13
Bonequinha sem olho	19
Menino e menina	27
Pá! Pá!	37
O lixo dos bacanas	41
Escuro no morro	51
Comandante ou comandada	61
O sistema	67
A casa-bomba	75
O anel do "presidente"	83
A droga e um filho	89
Tudo embaralhado	95
Tudo por amor	101
O bagulho vai ficar louco	109
Na igreja	121
A megarrebelião	127
Highlander	133
A droga e o absurdo	141
Mãe	151
Tremembezão	157
Liberdade	165
Precisar não é querer	171
A luta	177
Doze passos	185
Recaída	

A ponte – 2	199
Tudo em pedra	
A ponte – 3	209
Hostel	213
Nem tudo são flores	219
Família	227
Inventário moral	233

A ponte Pênsil foi inaugurada em 1914 para transportar o esgoto da ilha de São Vicente para o continente.

Tornou-se um local procurado por suicidas que por vezes vinham de outras cidades para se matar. De manhã, os cadáveres apareciam na praia, empurrados pelos botos. Moradores de São Vicente e Santos apostavam quem seria o próximo a suicidar-se: homem ou mulher.

A estrutura tem 180 metros de comprimento e 23 de altura. Ainda hoje, de vez em quando, alguém dribla a segurança e consegue pular.

A PONTE - 1



otaram a gente num carro e disseram: agora vocês vão dar uma voltinha. De madrugada, lá pelas três da manhã, levaram nós duas para a ponte Pênsil. Eu e a Morena. Apanhei muito durante o caminho.

- Pelo amor de Deus, moço, por favor, nunca mais vou roubar! Eu juro, pode acreditar, pôr uma fé! – minha voz tremia, eu falava e chorava. – A gente não sabe nadar!
 - Mas hoje vocês vão aprender eles falaram.

Então colocaram a gente em pé bem na beirinha da ponte e logo deram um tiro: pá!

- Pulem agora, ou vocês vão ver o que acontece.

Lá do alto, eu olhava aquela água escura, lá embaixo, longe. Não sabia que antigamente vinha gente naquela ponte só para se matar. Nem pensei que podia morrer só de cair. Só lembrei dos filmes de criança e pensei: "Certeza que nessa água tem tubarão".

 Pulem já! A gente não tem tempo pra perder com vagabunda – gritaram, com as armas bem na direção das nossas cabeças.

A Morena pulou.

Pá! Pá!

É PORQUE EU QUERO



eu nome é Adriana Graças Pereira, conhecida como Xakila e querida como Xal. Sou negra, com personalidade forte, confiante, extrovertida, alegre. Tenho brilho. O documento oficial diz que eu nasci em 9 de maio de 1982, mas não sei se isso é verdade. O mais longe que a minha memória chega é uma infância cheia de tristezas que nunca vão se apagar. Aquela menina órfã até hoje pergunta quem é e onde está a sua mãe.

Vivi muita coisa. Vi morte, sangue, amigos morrerem por causa de um real ou de centavos; vi amigo matar e ser morto. Graças a Deus, ainda estou aqui. Nunca tive família, nem casa. Dormi na areia úmida da praia, roubei, fui presa, fugi, caí nas drogas, quase virei bicho. Dos meus 37 anos, que tenho quando estou escrevendo este livro, passei a maior parte morando em abrigos, na rua ou na cadeia. Mas hoje consigo entrar e sair de cabeça erguida de qualquer lugar.

Sou caiçara, de Santos, isso eu sei. E não é porque minha vida mudou que vou virar as costas para o passado. O que mais me fortalece é as pessoas verem quem eu era e quem sou hoje. Andei por muito tempo em um mundo desconhecido pra muita gente: o mundo da ilusão, onde a rainha do

pecado é a falsidade, e o rei, o desamor. Nele, tem gente de todo tipo: viado, mulher, sapatão, doutor, juiz, usuário, viciado, polícia, ladrão e criança. E nele aprendi a lei da sobrevivência. Às vezes a gente não tem outra opção a não ser seguir em frente.

Hoje estou em paz e penso que a vida deu certo pra mim. E se consigo sobreviver até à droga, a coisa que mais destrói uma vida, não é porque preciso. É porque é isso o que eu quero.

Andei no perigo, conheço a bandidagem. Cheguei até a comandar rebelião em presídio no Dia das Mães – está lá no Google. E apesar de ter ficado tanto tempo na prisão, que, somando, bate quase nove anos, nunca abri mão da minha liberdade.

Claro que tem gente mais forte e mais fraca; não é qualquer uma que entra e sai do sistema prisional como eu saí. Entrei nele contra a minha vontade e tive de conviver com ele para sobreviver. Mas não sou pilantra e nunca devi nada pra ninguém. Muito pelo contrário, sempre tive autonomia. Isso me deu moral.

Sei que é uma frase feita, mas se tem uma verdade, é esta aqui: o crime não compensa. A vida no crime tem um lado fascinante, a adrenalina, a loucura, mas viver mesmo é o que estou fazendo agora. Até outro dia, eu não sabia, mas o que eu tinha antes não era vida. Eu era uma indigente, não tinha nada nem ninguém.

Hoje tenho meu canto, documentos, pessoas que eu amo e que me amam. Tenho perspectiva, tenho sonho, planos. Penso em rever minha filha, penso em ter minha casa e minha família.

Sou resolvida, inclusive com ser menino e menina ao mesmo tempo. Não estranhe aí quando falo de mim às vezes no feminino, às vezes no masculino. Depende da hora.

Sei que a mudança na minha vida aconteceu porque muitas pessoas me ajudaram, mas também penso que fiz a minha parte. Quem quis isso, quem fez isso fui eu!

Sou um milagre da sobrevivência, a prova de que tudo é possível. Sei que Deus tem um propósito especial pra mim. Porque, vindo de onde eu vim pra chegar até aqui, é porque Deus, em algum momento, quando era pra eu estar perdida, falou: "Não, mano".

BONEQUINHA SEM OLHO



ssim como eu não tinha família, não tinha Natal nem aniversário. O primeiro aniversário que comemorei foi quando completei 37 anos. Pela primeira vez senti que eu tinha importância pra alguém. Vi que tinha amigos de verdade, a família que eu escolhi, minha irmã e minha mãe de coração. Ganhei dois bolos, um monte de presentes, bilhetes, brigadeiro. E balões dourados com as letras do meu nome, que pendurei no meu quarto pra lembrar que hoje a minha vida vale muito a pena e deve ser comemorada.

Dos anos sem aniversário, ficou marcado na minha memória o tempo enorme que passei em abrigo, orfanato etc. Eu e um monte de crianças. Gota de Leite, Anália Franco, Casa de Acolhimento, Casa da Vila, Casa da Criança, Convento Maria Imaculada, Casa Pixote, Casa das Meninas, Educandário Santista, Plantão Social, Espaço Meninas, Casa Aberta... acho que passei por tudo que era casa para menor em Santos. Lembro de umas passagens pela Delegacia do Menor, no tempo do dr. Agostinho. Umas não, muitas. "Você de novo!" era a frase que eu mais ouvia da boca do homem.

Vou contar como funciona o sistema brasileiro. O Estado não cuida das crianças. Não dá saúde, nem educação. Ele só transporta. Fica jogando as crianças de lá pra cá, de cá pra lá, como se fossem um problema. As pessoas que trabalham pro governo têm um monte de diplomas, mas ninguém sabe o que fazer com as crianças. Uma boa parte da minha infância eu passei na perua, indo de um lugar para o outro, olhando a vida dos outros pela janela, vendo as famílias na calçada, andando de bicicleta, enquanto eu ia pra mais um lugar onde sabia que também não ia ficar.

Foi na mudança de um abrigo para outro que a dra. Elizabete, juíza da Segunda Vara da Infância, me chamou de Adriana. Adriana? Eu não sabia que eu tinha um nome. Acho que foi ela que inventou. Bom, na verdade eu não sei e ninguém sabe.

Ninguém sabe também da minha história até eu ser entregue nas mãos da Assistência Social. Já faz tempo, eu ainda era criança, quando uma assistente social me contou que cheguei acompanhada de uma mulher que apanhava do marido. Na época, não entendi o que aquilo queria dizer e também não perguntei. Mais pra frente, apareceu um relatório dizendo que fui achada dentro de uma casa com mais uma criança, e que eu chorava muito ao lado de uma mulher morta. Essa mulher seria a minha mãe.

Passado um tempo, surgiu outra novidade. Mais alguém, que eu nunca tinha visto, disse que encontraram a gente – eu e uma mulher – num barraco que pegou fogo. E que teriam conseguido resgatar os documentos da mulher, uma tal de Cleide Graças Pereira. Então eu, que só tinha um nome, ganhei também um sobrenome. Virei Adriana Graças Pereira.

Mas tudo isso não passa de história. Na época, quase nada era registrado. Quando fiquei mais velha e quis saber a minha história de verdade, disseram que era tudo arquivo morto. E que o pessoal daquela época também tinha morrido, como o arquivo.

De onde vim? Eu mesma não sei. Se você me perguntar se a Cleide foi a minha mãe, eu digo: não acredito. Se me perguntar se minha mãe está mesmo morta, às vezes duvido. E como eu queria que não estivesse! Mas o nome dela me serviu. Se não fosse esse documento, eu não tinha nome, não tinha nada e não era ninguém.

O primeiro abrigo para onde fui levada era o Gota de Leite. Uma casa grande, funcionava como abrigo e como creche, para crianças de zero a sete anos. A parte do abrigo era separada da creche por uma grade: de um lado ficavam as internas e do outro as semi-internas. As grades, sempre, na minha vida. As semi-internas passavam o dia e depois a mãe ou o pai ia buscar. As internas quase não viam a cara da rua; ficavam lá dentro, trancadas. Eram as crianças abandonadas pela mãe e pelo pai.

Eu era interna. Vivia escondida. A sociedade não sabia! As mulheres que tomavam conta não deixavam a gente à vista na hora da saída ou em dia de algum acontecimento. A gente ficava trancada no fundo da casa. Criança com mãe e criança sem mãe não se misturavam.

Eu via as meninas do semi-interno de longe, comendo lanche, ganhando brinquedo. Pra gente, nada. Eu e a minha bonequinha sem olho e de uma perna só. Era tudo o que eu tinha. Sonhava com uma boneca nova, mas não vinha.

Sofri muito nesse abrigo. Eu era pequena, não tinha como me defender. Na hora do almoço, comia só arroz. A parte melhor, a sobremesa, tinha que dar pra não apanhar.

Às vezes eu chorava o dia inteiro, no meio daquele monte de crianças. Eu chorava por qualquer coisa. Quando tinha uns cinco ou seis anos, acho que fui adotada. Era fim de ano. Pensei: "Pronto, vou ter meu primeiro Natal". A perua me levou para a casa de uma mulher. Eu estava feliz, mas também estava assustada. E chorei. Chorei tanto que a mulher me devolveu. Desistiu de mim. Foi a única oportunidade de fazer parte de uma família e foi por água abaixo, literalmente.

Por que eu chorava? Eu tinha medo das pessoas. Eu tinha medo do mundo. Eu não tinha carinho e também não confiava em ninguém.

Mas eu não dava vida fácil pros funcionários do abrigo. Quando ficava sabendo que ia sair pra algum atendimento ou ia ser transferida, bolava planos de fuga e convidava os outros:

 Olha, na hora que a tia abrir a porta, a gente chuta com força e sai correndo.

Aí pronto: de repente, saía todo mundo atrás de nós. E a gente: oléece! Eu era terrível, *migos*.

Desse primeiro abrigo, só dava pra sair de perua. Mesmo assim eu queria fugir a pé. Corria, sabendo que só ia conseguir chegar até determinado ponto do jardim. Eu não tinha tamanho nem agilidade pra pular o muro. O máximo que eu conseguia era chegar até uma gruta. Lá eu me escondia e me sentia feliz. Logo vinha alguém, me via e me levava de volta.

Mais tarde, na rua, reencontrei muitas meninas que conheci no Gota de Leite. Uma puxando carroça, outra fazendo serviço de carregar droga pra dentro da cadeia ou recarregando chip de celular para traficante. Algumas morreram por causa de crime ou por conta da droga. Daquela turma, não teve ninguém com final feliz.

Dona Conceição, uma das tias do Gota, era legal. Trazia bala, revista, dava aquela atenção. Tentei me encontrar com ela quando saí de lá, mas nunca mais a vi. Sei lá o que pode ter acontecido. Ela era a única pessoa de quem eu gostava. Porque serviço social de verdade ou voluntários que gostam do que fazem, pra falar a real, não conheci. Pode ser que o tempo tenha apagado a minha memória, mas, sinceramente, não me lembro de nenhuma ajuda de verdade desse tipo. Nada.